

XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

# **LIBERDADE E MORTE: Cativos na Construção. 1848-1888. Pelotas. RS. BR.**

Bendjouya Gutierrez, Ester Judite.

Cita:

Bendjouya Gutierrez, Ester Judite (2009). *LIBERDADE E MORTE: Cativos na Construção. 1848-1888. Pelotas. RS. BR. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-008/207>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

A historiografia da arquitetura pouco tem investigado sobre os trabalhadores que ergueram as cidades, aqueles que, com a força de seu trabalho, levantaram os prédios, dotaram as áreas de infra-estrutura, equipamentos e serviços urbanos. Sobretudo, esqueceram de tratar os escravizados. Em *Negros, charqueadas & olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*<sup>1</sup>, uma das hipóteses comprovadas foi a de que, na entressafra da matança, os cativos fabricavam tijolos e telhas. Assim, passavam os dias mais quentes do ano cobertos pelo sangue das carnes e os dias mais frios e chuvosos, pela argila que extraíam para a fabricação de tijolos e telhas. Em *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888)*<sup>2</sup>, foi demonstrado que os projetos modernos para o Novo Mundo germinaram de antigas concepções renascidas. Em Pelotas, europeus e seus descendentes projetaram, dirigiram e decoraram os edifícios e a área urbana, moldados e erguidos sobretudo pela mão-de-obra cativa de africanos e afro-descendentes.

Neste texto – assim como na tese de doutorado *Barro e sangue* – buscou-se a resposta à questão do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, lembrada por E. J. Hobsbawm, quando refletiu sobre George Rudé, o pioneiro da história da gente comum: *Quem construiu Tebas das Sete Portas?*<sup>3</sup> Quer dizer, procurou-se identificar os obreiros da área urbana de Pelotas, localizada quase na fronteira do Brasil com o Uruguai. As informações foram investigadas nos jornais e inventários de construtores e de proprietários. Porém, os registros de sepultamentos e de hospitalizações da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas é que permitiram esboçar um perfil dos obreiros. Em especial, os apontamentos do **Livro de Registro de Enterramentos do Cemitério** (1855-1868) e dos **Livros dos Movimentos dos Internos** (1848-1862, 1862-1874, 1874-1883 e 1883-1890)<sup>4</sup> puderam delinear preliminarmente um quadro para esses trabalhadores. Essa base de dados tornou possível a atual reflexão e possibilita futuras apreciações. Neste texto, tratou-se de sepultamentos e de hospitalizações. Em especial, falou-se dos brasileiros, dos africanos, dos “pardos”, dos cativos, dos negros. Por fim, estes foram comparados com os brancos, com os obreiros europeus.

<sup>1</sup> GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas & olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. 2. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2001. Disponível em: < www.pucrs.br/pghistoria/tes\_dis.htm >. Acesso em: 1 ago. 2008.

<sup>2</sup> GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e Sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas: Ed. UFPel, 2004. Resumo disponível em: < www.pucrs.br/pghistoria/tes\_dis.htm >. Acesso em: 1 ago. 2008.

<sup>3</sup> HOBBSAWM, E. J. A outra história – algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick (org.). **A outra história**: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 19.

<sup>4</sup> SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PELOTAS (SCMP). ms. **Livro de registro de enterramentos do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**: 1855-1868 e 1868-1878 e **Livro de movimento dos internos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**: 1848-1862; 1862-1974; 1974-1883 e 1883-1890.

As hospitalizações começaram em 20 de março de 1848, quando foi baixado o primeiro enfermo: José Maria da Rosa, carpinteiro, 27 anos, “pardo”, solteiro, baiano, fraturara uma perna. O último do rol tinha o nome de João Castro, ferreiro, 43 anos, solteiro, alemão, embriagou-se, foi internado por 48 horas e saiu no dia 10 de maio de 1888, três dias antes da Lei Áurea.

Em 1859, no **Livro de Enterramentos**, pararam de apontar as “ocupações” dos mortos. Em decorrência disso, esta fonte não pôde mais fornecer informações para esta pesquisa. Por isso, os registros relativos aos sepultamentos compreenderam os anos de 1856 a 1859. Por trazer números contagiados pela epidemia da cólera, o ano de 1855, data da inauguração do cemitério da Misericórdia, foi descartado. Entre 23 de novembro de 1855 e 24 de abril de 1856, a peste matou 287 pessoas.

Através dos apontamentos dos dois livros, falou-se: da “naturalidade”; da “qualidade” (“branco”, “preto”, “pardo”, “índio” e “cabra”); da “idade”; do “estado civil”; da “enfermidade”; da “ocupação”; das datas de “internamento”, “alta e ou morte”; da “importância” ou custo do tratamento, e da condição de “escravo” ou “livre”. Até 1875, o nome e o sobrenome da maioria dos homens livres aparecia com a filiação. Usualmente o nome simples dos cativos vinha junto com os de seus proprietários.

O programa utilizado auxiliou o tratamento estatístico das informações. Adaptou-se com apuro às variáveis usadas. Frequente na investigação dos surtos das doenças, o Epi Info 6 – Epidemiologia e Informática n.º 6<sup>5</sup> – é programa de análise de dados e estatística, de utilidade pública, oferecido pela Organização Mundial da Saúde. Foi diversa a “naturalidade”, registrada na Misericórdia: “Ângola”, “África”, “Corrientes”, “desta província”, “Escócia” etc. Para simplificar o estudo, a variável “naturalidade” foi tratada como origem. Juntaram-se americanos e europeus. Os naturais da península Itálica foram tidos como de origem italiana. Igualmente ocorreu com argentinos, espanhóis, franceses, alemães, ingleses, norte-americanos e lusitanos. Os “orientais” ficaram com a origem uruguaia. Os que vieram da Argentina, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Panamá, Paraguai, Polônia, Rússia, Suécia e Suíça, juntos, não chegaram a cinco por cento dos construtores hospitalizados e, por isso, foram desconsiderados. Os brasileiros e africanos receberam tratamento especial. Permaneceu a subdivisão, respectivamente, em províncias

---

<sup>5</sup> EPI INFO 6. REC. QES. CHK. Version 6.02. A word processing, database and statistics program for epidemiology on microcomputer. DEAN, Andrew G. et al. DEAN, Jeffrey A. et al. Centers for diseases control and prevention. Atlanta, Georgia, USA, 1994. 3 disks 3 ½ pol. DOS. Disponível em:< <http://www.cives.ufrj.br/software/epi604d/>>. Acesso em: 1 ago 2008.

brasileiras, cidades do estado do Rio Grande do Sul e as denominações anotadas como “Moçambique”, “Costa da África”, “Mina”, “Angola”, “Cabinda”, “Beni”, “Gêge” e “Benguela”.

A lista dos obreiros partiu da variável “ocupação”. Trabalhou-se a mão-de-obra especializada em ofícios da construção e suprimiu-se os que estavam citados simplesmente como “jornaleiros”, “trabalhadores”, “serventes” e “ganhadores”. Para a contagem dos enfermos, foi considerada apenas uma internação. No caso de Pelotas, os serventes apoiavam a produção do charque. Não foram confundidos com os serventes contemporâneos, incumbidos das habilidades menos qualificadas das obras.

É preciso assinalar que no jornal local, *Correio Mercantil*, de 24 de abril de 1877, apareceu a palavra *servente* acompanhada da palavra *pedreiro*, na seguinte notícia: “Em sua residência, à rua Marquês de Caxias, foi encontrado o preto livre, Tibúrcio de Jesus, solteiro, de 40 anos, **servente de pedreiro** [...] O cadáver foi encontrado, encolhido, em cima de uma cadeira, junto ao leito, tendo na mão esquerda uma tesoura com as pontas sobre a face e já exalando muito mal cheiro”<sup>6</sup>.

### **Sepultamentos. 1856-1859**

Em 8 de novembro de 1855, a cólera entrou na cidade de Pelotas. Após 15 dias, às pressas, houve a abertura e a obrigatoriedade dos enterramentos no cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Nos dois primeiros meses, o surto matou uma média de 40 pessoas por dia. Em 24 de abril de 1856, enterraram o último colérico. A obrigatoriedade dos sepultamentos no cemitério da Santa Casa passou a mostrar um quadro único da população da cidade de Pelotas. No período compreendido entre 24 de abril de 1856 e 21 de fevereiro de 1859, dia em que as anotações dos enterramentos terminaram de apontar a “ocupação” dos defuntos, foram registrados 25 trabalhadores da construção. Apesar do espaço de tempo ser pequeno e do conseqüente reduzido número de cadáveres, representou o quadro mais próximo da realidade e serviu de denominador para as relações entre os enterramentos e os internamentos na Misericórdia.

Ao relacionar sepultamentos e hospitalizações, as diferenças e coincidências detectadas demonstraram as desigualdades sofridas entre trabalhadores cativos, livres e libertos; negros, pardos e brancos; africanos, brasileiros e europeus. As hospitalizações indicaram outras proporções significativas no quadro da mão-de-obra da construção.

Entre os anos de 1856 e 1859, o universo dos construtores falecidos na cidade formava a seguinte proporção: livres, 56%; cativos, 44%. Eram 44% de negros, 44% de brancos e 12% de

---

<sup>6</sup> *Correio Mercantil*, Pelotas, 24 abr. 1877, p.3.

“pardos”. Portanto, literalmente 62% tinham “um pé na África”. Logo, os africanos e seus descendentes eram a maioria. Todos os africanos e negros eram cativos. Todos os “pardos” e, obviamente, os brancos, eram livres. Do total, 30% eram africanos; 20%, gaúchos; 20%, brasileiros de outras províncias. Os 30% restantes dividiam-se, em ordem decrescente, entre franceses e alemães, mais um italiano e um português. Os nascidos em Pelotas representavam 16,7%. Entre os brasileiros, estavam presentes catarinenses e baianos. A perspectiva de vida era de 45 anos. A moda era falecer aos 36. O mais moço morreu aos 12 anos, e o mais velho, aos 70. Eram solteiros 72%. Metade dos homens livres casou. Nenhum escravo contratou casamento.

Metade dos trabalhadores desempenhava a função de marceneiro, e 20%, a de carpinteiro. O trabalho com a madeira ocuparia em torno de 70%. O número significativo de trabalhadores da madeira deu indícios de que esses homens, além do canteiro de obras, das marcenarias, das carpintarias, das fábricas de carros e carroças, trabalhassem nos estaleiros existentes na cidade. Quatorze por cento estavam representados por dois funileiros, um ferreiro e um pedreiro. Os oleiros, todos africanos e cativos, eram 16%. Portanto, reforça-se a hipótese de que o trabalho de oleiro era sobretudo destinado aos escravos nascidos na África.

### **Ética e tuberculose**

Pelo que foi anotado nos livros de Enterramentos e Internamentos da Misericórdia, o que mais matou foi a tuberculose, apesar de, para os brancos, denominarem a tuberculose de *ética*. Outras maneiras de registrar as enfermidades devem ter sido empregadas e não detectadas. Entre os anos de 1856 e 1859, dos 25 obreiros falecidos, seis foram sepultados com tuberculose; desses, quatro eram negros e dois, brancos. O que quer dizer que a tuberculose matava negros e brancos, mas o dobro de negros. Entre os anos de 1848 e 1888, dos 811 obreiros baixados, 17 eram tísicos: dois negros, dez brancos e cinco “pardos”. Vieram a falecer no hospital três brancos e dois “pardos”. Ou seja, havia tísicos negros, brancos e “pardos”. No caso da internação, o número de óbitos foi percentualmente maior entre os “pardos” do que entre os brancos.

Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freire escreveu sobre a tuberculose. Disse que não era de espantar que a população mulata e negra, mal abrigada e mal nutrida “[...] ofereça aos cemitérios tão grande massa de tuberculosos.” No mesmo parágrafo, acrescentou: “[...] porque os pretos não têm a defesa específica que os brancos vêm acumulando há séculos de convívio com doentes da peste branca, sendo, ao contrário, terreno ainda virgem para a infecção, a tão falada suscetibilidade do negro e do mulato à tuberculose é quase um aspecto desprezível no confronto da resistência ou

do vigor físico dos brancos com os pretos, dos brancos com os mulatos.”<sup>7</sup> No caso do hospital pelotense, ao mudar o nome tuberculose para *ética*, os registros de óbitos não apontaram as mortes dos tísicos brancos. Além da questão da documentação, do abrigo e da alimentação, os trabalhadores negros e “pardos” eram ocupados em tarefas mais insalubres e pesadas que os brancos. A desvantagem aumentava na medida em que os trabalhadores europeus tinham mais facilidade em conseguir atendimento hospitalar que os africanos e seus descendentes.

### **Internamentos. 1856-1859**

Os dados obtidos sobre as hospitalizações podem ser considerados vestígios, do e no universo da mão-de-obra da construção civil, em Pelotas. Os gráficos e a tabela correspondentes (Figura 1 e Tabela 1) mostraram as diferenças encontradas, quando comparadas as informações colhidas nos anos de 1856 a 1859, entre os enterramentos e os internamentos. Carpinteiros e/ou marceneiros, construtores da madeira, destacaram-se entre os obreiros do início da segunda metade do século XIX.

Nesses casos, brasileiros e africanos tinham menos prioridade no atendimento hospitalar que os europeus. Da mesma forma, primeiro os brancos, depois os “pardos” e, por último, os negros, tiveram acesso à casa de saúde. Os trabalhadores livres, muito mais que os escravos, puderam ter acolhimento na Santa Casa. Os proprietários tinham de arcar com as contas hospitalares de seus trabalhadores escravizados. Em consequência, um número pequeno de cativos era internado. Estas constatações confirmam a atenção que as misericórdias deveriam dar aos imigrantes urbanos. Portanto, os dados relativos aos internos da Santa Casa puderam dar indícios e, sobretudo, mostrar tendências. (Figura 1 e Tabela 1)

### **Internamentos 1848-1888**

No período compreendido entre os anos de 1848 e de 1888, foram baixados 811 construtores. Destes, praticamente 76% eram brancos; 13%, negros e 10%, “pardos”. A causa das mortes dos hospitalizados, em primeiro lugar, foi a tuberculose, os tubérculos pulmonares; em segundo, as diarreias.

---

<sup>7</sup> FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 638.

Entre 1848 e 1888, foram hospitalizados na Santa Casas 811 trabalhadores da construção civil. A década de setenta correspondeu ao maior ingresso de trabalhadores da construção civil, em especial os portugueses, apesar de muitos deles terem sido socorridos pela Sociedade de Beneficência Portuguesa, que começou a acolher pacientes a partir de 1857. A Santa Casa recebeu, entre os anos de 1848 e 1858, 137; entre 1859 e 1868, 161; entre 1869 e 1878, 324 e, entre 1879 e 1888, 184 obreiros. Por essa e por outras tantas razões, é possível considerar a década de setenta como o período em que mais obras urbanas foram construídas no município. Os europeus tiveram, nessa década, um crescimento acelerado, diminuindo, depois, um pouco. Os brasileiros aumentaram muito nos anos sessenta; após, praticamente paralisou a entrada de patrícios, assim como, obviamente, diminuiu o acolhimento aos africanos. Podem ser observados o crescimento ininterrupto dos trabalhadores alemães; a participação intermitente dos franceses e, em especial, nas décadas de setenta e oitenta, o aumento acelerado dos italianos. (Figura 2)

Na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, os obreiros baixados formaram um grupo de: 30,6% de portugueses; 23,1% de brasileiros; 12,4% de alemães; 9% de franceses; 6,4% de italianos; 5,7% de africanos; 2,7% de ingleses; 2,6% de espanhóis; 1,4% de norte-americanos; 1,1% de uruguaios; 1% de prussianos. Com menos de 1% cada um, ajudaram ainda na edificação dos objetos urbanos suíços, austríacos, russos e dinamarqueses, além de sul-americanos, principalmente argentinos e paraguaios. Em síntese, nesta estimativa, mais de três quartos da categoria dos construtores compunha-se de estrangeiros, estando os nativos representados em 0,4%.

Entre 1848 e 1888, os construtores hospitalizados na Santa Casa constituíram uma população de 76,1% de brancos, 12,8% de negros e 10% de “pardos”. Proporções muito diferentes da ocorrida quando dos cálculos sobre os sepultamentos.

## **Brasileiros**

Dos 811 trabalhadores baixados na Santa Casa, 187 tinham nascido no Brasil. Quase um quarto – 23,1% – eram brasileiros. Desses, perto da metade nasceu no Rio Grande do Sul. Entre os brasileiros das outras províncias do Império, baianos e cariocas somavam quase 30%; paulistas e pernambucanos, 15%; mineiros e catarinenses, 10%. Entre os 811 obreiros, 92 eram gaúchos, ou seja, 11,3%, sendo que 35 estavam anotados como dessa província; 23, de Pelotas; doze, da cidade de Rio Grande; dez, de Porto Alegre; quatro, de Camaquã, oito dividiram-se igualmente entre Rio Pardo, Caçapava, Boqueirão e Jaguarão. Quanto à “qualidade” dos homens nascidos no Brasil, os registros anotaram: 39,8% de “pardos”, 30,1% de negros, 27,4% de brancos. Portanto, dos brasileiros internados, perto de 70% eram descendentes de africanos. Os registros apontaram a

presença de um índio, um cabra, um “caboclo”. Deixaram de “qualificar” dois brasileiros. Entre os brasileiros, um negro, um branco e um “pardo” arcaram com as despesas da Misericórdia: chamavam-se, respectivamente, Nicolau Tolentino de Antiqueira, Manoel Batista Freitas e Eulálio Nunes Ferreira. Nicolau Tolentino Antiqueira, natural da Bahia, solteiro, marceneiro, morreu aos 60 anos, de hipertrofia do coração. O que tinha serviu para pagar sua hospitalização. Caso tivesse sobrevivido, possivelmente não tivesse com o que viver. Manoel Batista Freitas, 50 anos, casado, gaúcho, carpinteiro do vapor Apa (que, no início do ano de 1865, encontrava-se atracado no porto da cidade), sofria de pneumatoses. Quarenta e um brasileiros internados, representando 22,3% dos homens nacionais, estavam sujeitos ao regime servil. Dizendo de outra forma, quase um quarto dos trabalhadores brasileiros internados pertencia a algum senhor.

Os brasileiros sofriam de ferimentos, de úlceras, de sífilis, de constipação e de bronquite. Morreram por vários motivos, sendo os mais freqüentes o tétano, a constipação, os tubérculos pulmonares e a bronquite. A idade mínima de hospitalização ficou em 10 anos, a máxima, em 85, a média, em 36, e a moda, em 40. O percentual de óbitos entre os trabalhadores brasileiros internados na casa de saúde foi dos mais altos: 9,7%. Vinham a falecer, no caso dos livres, 10%, e, no caso dos escravos, 7%.

Os brasileiros livres exerciam onze profissões; os cativos, sete. Na construção civil, entre os trabalhadores hospitalizados, os brasileiros livres ou escravos davam preferência aos trabalhos com a carpintaria. A grande maioria, 40,6%, eram carpinteiros; 24,1%, pedreiros; 10,7%, marceneiros; 8,6%, ferreiros; 4,8%, pintores e oleiros. O restante dividia-se em: seis funileiros, dois entalhadores, um serrador, um lustrador e um marmorista. Como os mulatos, os brasileiros trabalhavam primeiro com a madeira; depois, vinham os serviços de pedreiro.

## **Africanos**

Dos 46 africanos baixados na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, cinco foram chamados de “Mina”; dois de “Benguela”; um de “Cabinda”; um de “Beni”; outro de “Gêge”. Registraram que quatro tinham vindo de Angola, três, da costa da África e um, de Moçambique. O restante foi apontado simplesmente como africano. Dezoito dos nascidos na África tinham conseguido a alforria. Portanto, 63,3% dos obreiros africanos hospitalizados não gozavam de liberdade, sendo que um tinha contrato de trabalho obrigatório e outro era sentenciado.

Os africanos dedicavam-se: aos serviços de pedreiro, praticamente 35%; de carpinteiro, 26,5%; de ferreiro, 16%; de oleiro, 12%; de pintor, 4%. Em menor quantidade, eram serradores, marceneiros e funileiros. Portanto, mais uma vez reforça-se a hipótese segundo a qual os africanos



ficaram com a construção do casco da cidade. Entre os africanos hospitalizados, levantar as paredes dos edifícios tinha sido a ocupação preferencial.

A média de idade entre os internados era de 50 anos; o mais jovem tinha vinte e cinco anos; o mais idoso, 90 e a moda era de 40 anos de idade. O reumatismo, a tuberculose e a bronquite foram as enfermidades que mais incomodaram os africanos. A maioria faleceu de diarreia. Entre os africanos hospitalizados, 21,7% vieram a falecer no hospital. Essa situação foi pior quando o africano era livre, vindo 43% a padecer. Na condição de cativos, o percentual de óbitos alcançava 17%.

### **“Pardos”**

Dez por cento dos obreiros hospitalizados eram “pardos”, ou seja, dos 811, exatos 81 eram mulatos. Quinze por cento da população mulata vivia prisioneira de um senhor. Um pouco mais da metade dos “pardos” eram gaúchos e, também, um pouco mais de 40% vieram de outras províncias do Império, em especial da Bahia e do Rio de Janeiro. O restante dividia-se entre paraguaios e uruguaios.

Quase a metade compunha-se de carpinteiros. Depois, 21% exerciam as atividades de pedreiro. Em terceiro lugar, 11% eram marceneiros. Suas tarefas consistiam, primeiramente, em trabalhar com a madeira e, a seguir, em erguer paredes.

Nenhum cativo mulato faleceu no hospital, ao passo que 25% dos “pardos” livres morreram no estabelecimento. Interessante anotar que 5% dos brancos faleceram sob os cuidados da Misericórdia.

Respectivamente, a média e a moda das idades, entre os cativos “pardos”, eram de 22 e 20 anos; para os livres, ficavam em 37 e 21. Outra vez, repete-se a história de seus pais, negros, mas com a cor não tão carregada, mais amena, dissipada pela palidez de seus genitores brancos. Os “pardos” resistiram mais à morte que seus irmãos negros e menos que seus irmãos brancos.

Suportaram os ferimentos, a sífilis, o bubão ulcerado e a bronquite. A maior frequência de falecimentos foi causada pela tuberculose. De 1848 a 1858, foram hospitalizados 12 “pardos”; de 1859 a 1868, 21; de 1869 a 1878, 18; de 1879 a 1888, 29. Diferentemente de seus colegas de profissão, que tiveram o maior ingresso na década de setenta, o maior ingresso dos mulatos foi na de oitenta.

## Cativos

Entre os anos de 1848-1888<sup>8</sup>, dos 811 obreiros internados na Misericórdia, 68 eram escravizados. O grupo apresentava quase 80% de negros e 18% de “pardos”. Desses escravos, em torno de 40% tinham nascido na África; 30%, no Rio Grande do Sul, e os 30% restantes, em outras partes do Brasil. Os cativos nacionais, principalmente, vieram da Bahia e do Rio de Janeiro. Às vezes anotaram que chegaram de Angola, de Moçambique; outras vezes, que eram cabinda, beni, gêge, benguela e, em especial, mina.

Entre 1848 e 1858, 26 escravizados foram internados; entre 1859 e 1868, 24; entre 1869 e 1878, 14; entre 1879 e 1888, 6. Os pedreiros eram 33,8%; os carpinteiros, 29,4%; os oleiros, 13,2%; os marceneiros e os ferreiros, 7,4% em cada profissão; os pintores e os entalhadores, 2,9%, também em cada uma. Mais um serrador e um funileiro completavam as profissões dos cativos.

Dos hospitalizados, 11,8% dos escravos vieram a falecer, enquanto no grupo de homens livres, o percentual de óbitos chegou a 7%. Os cativos negros alcançaram 17% de falecimentos; os 12 mulatos escravos que foram internados, não chegaram a falecer. Entre os trabalhadores servis hospitalizados, os negros estavam em desvantagem em relação aos “pardos”.

O que mais matou os negros escravos foi o tétano. Durante a vida, os trabalhadores da construção escravizados suportavam contusões e ferimentos, sofrendo por causa da sífilis, do reumatismo e do alcoolismo.

Antônio Ferreira da Luz, 50 anos, brasileiro, negro, carpinteiro, foi o único escravizado a contratar casamento. Não registraram seu senhor. O çaçula dos cativos era o menino Virgulino, de 10 anos, ferreiro, propriedade de Benjamim Leitão. No carnaval de 1882, teve uma febre intermitente. Passou vinte dias no hospital. José, mina, oleiro, pertencente a José da Silva Maia, o mais velho dos escravizados, tinha 65 anos. Por causa de uma uretrite, passou a primeira quinzena de julho de 1859 na Misericórdia.

### Cativos pós-emancipação

Em 1884, depois da emancipação em Pelotas, o que não significou o fim do regime escravista, foram contados três cativos internados. Não estavam emancipados, não tinham cláusulas de serviços obrigatórios. Eram três pedreiros negros. Inocência, carioca, 34 anos, tísico, pertencia ao estancieiro e charqueador visconde da Graça. Manoel, baiano, 40 anos, sofria de gastrite. Pertencia a Atalipa Borges & Cia, estabelecimento charqueador localizado na margem norte do canal São Gonçalo.

---

<sup>8</sup> SCMP, ms. *Livros de movimentos dos internos*. 1848- 1862; 1862-1874; 1874-1883 e 1883-1890.

Tiburão, gaúcho porto-alegrense, 28 anos, sofria de supressão da transpiração. Seu senhor era Alfredo Moreira, também fabricante de carnes.

No ano da Abolição, antes do dia 13 de maio, libertados, mas com cláusulas de serviços obrigatórios, mais dois trabalhadores receberam cuidados da Santa Casa. O primeiro, Sátiro, também de propriedade de João Simões Lopes, visconde da Graça, tinha sido internado em 1883. Era carpinteiro, “pardo”, gaúcho, de 50 anos. O segundo, contratado de outro fabricante de carne salgada, José Maria Moreira, igualmente se chamava José, era pedreiro, africano, com 60 anos de idade. Depois de seis dias de internação, morreu, em consequência de úlceras sifilíticas. Entre os anos de 1848 e 1888, os 68 trabalhadores escravizados baixados estavam distribuídos entre 46 proprietários. Sepultados entre os anos de 1855 e 1859, 38 escravos pertenceram a 21 senhores.

### Cativos dos Maias

Antônio José da Silva Maia e Vicente José da Maia, com maior frequência, propiciaram atendimento hospitalar aos seus cativos. Cada um internou quatro de seus cativos. Juntos, quando da inauguração do cemitério do Fragata, em tempos de cólera, tinham sepultado mais três. Em 17 de janeiro de 1856, a epidemia matou Joaquim, 22 anos, africano, oleiro. Passado o surto da doença, a diarréia terminou com Manoel, 56 anos, mina, também oleiro. Em vida, tinham trabalhado na olaria de Vicente José. Caetano, 40 anos, africano, carpinteiro, tísico, tinha pertencido a Antônio e morreu em 16 de março de 1858.

Passado o surto da doença, Vicente baixou Joaquim, Firmino, Manoel e Angélico. Antônio internou José, Bernardo Benjamim e Inácio. Joaquim, Firmino, Manoel e José eram oleiros. Joaquim, 50 anos, angolano, por causa de uma fístula urinária, foi hospitalizado no final de 1855 e, em meados de 1856, Firmino, 40 anos, cabinda, foi baixado com plero-pneumonia. No início do ano seguinte, Manoel, 55, carioca, negro, foi tratar de úlcera na Misericórdia. Não foram bons os tempos para os escravos de Vicente, para quem, igualmente, os negócios iam mal. Por fim, em 1865, Angélico, 24 anos, gaúcho, com boa<sup>9</sup> aptidão para o trabalho de pedreiro, foi internado. O sarampo que andava pela cidade o levou ao hospital. Naquele ano de 1865, a doença fez com que quatro obreiros procurassem a Misericórdia. Vicente tinha herdado Angélico. Permaneceram juntos até a morte do proprietário.

José, 65 anos, sofreu de uretrite. Bernardo, 45 anos, benguela, marceneiro, aturava o reumatismo. Benjamim, que se dizia com dores, assim como Inácio, era pedreiro. Escravos de

---

<sup>9</sup> Cf., Matrícula de Escravos, realizada em 1872, anexada ao processo de Inventário de Vicente José da Maia, *In*: APERGS, ms. INVENTÁRIO de Vicente José da Maia. N.º 106, M<sup>to</sup> 5, E<sup>to</sup> 28, 2º Cartório de Órfãos e Ausentes, Pelotas, 1879.

Antônio José da Silva Maia, os três primeiros foram internados entre os anos de 1859 e 1860; o último, Inácio, por causa de uma hepatite, faleceu em 1865, no hospital.

Antônio José da Silva Maia foi um dos grandes proprietários urbanos da cidade de Pelotas. No seu inventário<sup>10</sup>, realizado em 1884, além do terreno que possuía no Capão do Leão, era dono, na área urbana, de seis terrenos e 44 casas. Tinha duas chácaras, uma situada na estrada das Três Vendas e outra localizada na rua Manduca Rodrigues, com casas de moradia e benfeitorias. Na mesma estrada possuía uma olaria e na rua do Imperador, hoje Félix da Cunha, uma fábrica de sabão e velas, com todos seus utensílios. No encontro das águas do canal São Gonçalo com o arroio Pelotas era dono de uma charqueada. Na sua fortuna, constavam ainda um iate chamado Conceição Feliz, três mulas, 20 reses de criar, ações de companhias de seguros, como a *Pelotense*, a *Confiança* e a *Fidelidade*, móveis, prataria e dívidas ativas.

Bernardina Soares Maia, inventariante de seu falecido marido Antônio José da Silva Maia, informou ao juiz de órfãos que a herança também incluía escravos. Em atenção aos votos de emancipação da cidade, queria libertá-los, sem ônus, mas com a condição de prestação de serviços. Em anexo, enviava uma de trabalhadores escravizados, com o tempo correspondente de trabalho obrigatório. Disse ter levado em conta a idade e os serviços prestados. No final, justificou dizendo que, entre os herdeiros do casal, havia menores. Em resumo, foram alforriados cinco cativos, todos com mais de 48 anos. Dezesete tiveram quatro anos de serviço obrigatório e 38, seis. Em 1888, a Abolição chegou, antes do término desse último contrato. Nada foi dito sobre as profissões.

Em 1872, quando da matrícula dos escravos, Vicente José da Maia era dono de 16. Desses, quatro eram oleiros; um, carpinteiro; um, pedreiro e quatro, mulheres. Sete anos após, quando de seu inventário<sup>11</sup>, ao todo contaram quatro homens e duas mulheres. Os quatro homens constavam da matrícula de 1872; chamavam-se Afonso, Abraão, Angélico – o que tinha tido sarampo – e Messias. Afonso, 52 anos, africano, e Abraão, 35 anos, filho da *preta forra* Adriana, eram bons cozinheiros. Filho da mesma mãe era também o pedreiro Angélico. Messias, 30 anos, de pais desconhecidos, nascido no Rio Grande do Sul, era oleiro. Todos, Vicente José tinha recebido de herança.

Vicente José não era rico como Antônio José. Era dono do Potreiro Grande, entre a estrada da Luz e o Logradouro Público, um terreno de frente norte para a mesma estrada e um outro, entre a dita estrada e a estrada de Cima, atual avenida Domingos José de Almeida. O último terreno servia de entrada para os habitantes da estrada da Luz. Sem essa via, os moradores ficariam encerrados dentro das terras vendidas por Vicente, que, na ocasião, tinha concedido o direito de por ali

---

<sup>10</sup> APERGS, ms. INVENTÁRIO de Antônio José da Silva Maia. N.º 995, M<sup>co</sup> 57, E<sup>le</sup> 25, Cartório de Órfãos e Provedoria, Pelotas, 1884.

<sup>11</sup> APERGS, ms. INVENTÁRIO de Vicente José da Maia, fonte cit.

transitarem. Nada longe dali, no lugar denominado Costa, Vicente José da Maia vivia numa chácara de sua propriedade, entre as estradas de Cima e de Baixo, respectivamente, avenidas Domingos José de Almeida e Ferreira Vianna.

A olaria de Vicente José localizava-se no terreno a oeste da sua casa de moradia, que, por sua vez, era contígua a um jardim e a uma quinta com árvores frutíferas. Na olaria, existiam um galpão de madeira e telhas, um forno e outra casa de moradia para empregados. No fim de sua vida, os utensílios da olaria resumiam-se a quatro carretas para carregar barro, sendo que duas pequenas, de mão, e duas maiores, de mulas; quatro carrinhos de mão; duas formas compridas e uma redonda, para tijolos; duas pás de aço e duas de ferro; duas enxadas de aço. Em 1876, a olaria do senhor Vicente José Maia estava alugada ao senhor Antiquêira. Na noite quente de 6 para 7 de janeiro daquele ano, Antônio João, 26 anos, súdito português, foi “traíçoeiramente” assassinado na referida olaria, onde era empregado como administrador. Uma semana depois, o indivíduo João Piá, de 18 anos de idade, apontado por indícios como autor da morte, foi recolhido à cadeia civil da cidade.<sup>12</sup>

## **Negros**

Dos 811 internados, 104 foram apontados como negros. Compunham quase 13% do total. Entre os anos de 1848 e 1888, um pouco mais da metade dos negros obreiros hospitalizados, 53%, eram escravos. Dos 104 registrados, os africanos eram 43, os brasileiros, 58 e os uruguaios, 3, correspondendo, respectivamente, a 41,7%, 55,3% e 3%.

Sofreram de reumatismo, de diarréias, de úlceras, de contusões, de bronquite e de sífilis. Acabaram morrendo de diarréia, de bronquite, além da disenteria e do tétano. As mortes no hospital foram reveladoras em relação à cor. Contando todos os negros obreiros baixados, verificou-se que 19% vieram a falecer. Os negros escravos alcançaram o percentual de 17% de óbitos, no hospital, enquanto os negros livres atingiram um pouco mais de 38% de falecimentos na Santa Casa. As mortes chegavam a 43%, se fossem livres e africanos.

Ao mesmo tempo, houve negros livres que conseguiram chegar aos 90 anos de idade. Foi o caso de Sebastião José R. Barcellos: africano, livre, solteiro, pedreiro, foi o mais velho dos construtores hospitalizados. Sofria de bronquite. Passou 25 dias na Misericórdia e conseguiu sair curado.

---

<sup>12</sup> *Correio Mercantil*, Pelotas, 1876, 9 e 15 de jan., respectivamente pp. 2 e 1.

## Algumas justificativas

O grande percentual de mortes entre os africanos libertos fazia sentido, considerando que, em primeiro lugar, os senhores preferiam comprar novos escravos a apostar na manutenção e reprodução da escravaria. Nas fábricas de charque, o número de crianças não chegou a 2%, e o de mulheres era de 13%. As cativas viviam no espaço doméstico, distinto da área de produção<sup>13</sup>. A idade dos homens escravizados da produção do charque sempre foi baixa, mas aumentou no decorrer do século XIX. A perspectiva de vida dos trabalhadores servis ampliava-se, à medida que diminuía o tráfico negreiro. Em 1831, formalmente, a Lei Feijó proibiu a entrada de escravos em terras brasileiras. Ficou conhecida como aquela que era *para inglês ver*. Em 1850, a Lei Euzébio de Queiroz parece ter posto fim ao tráfico negreiro. Até 1831, o plantel das charqueadas apresentava 71,1% da escravaria com menos de 40 anos. Entre a Lei Feijó e a Euzébio de Queiroz, o plantel apresentava 58,8% abaixo dos quarenta; entre 1850 e a Abolição, 49,3%<sup>14</sup>.

Em segundo lugar, na Santa Casa, houve um atendimento maior aos trabalhadores livres que aos escravizados; como se sabe, os cativos tinham suas contas pagas pelos senhores. Terceiro, para investir na saúde dos escravos, era preciso existir certeza de volta ao trabalho, de retorno do investimento. Assim, a média e a moda de idade, entre os obreiros negros escravos, que estiveram hospitalizados, era de 40 anos. Entre os construtores negros livres, a média estava em 52, e a moda, em 60 anos.

## Alforrias

Dos negros livres, 50% eram africanos, 25% nasceram no Rio Grande e os outros 25%, pelo resto do Brasil. A maior parte pode ter sido liberta, e não ter nascido livre. A alforria só chegava no fim da vida. Num momento de benevolência do senhor, pagava-se ou ganhava-se, quando imprestável. Depois dela, vinha o abandono. Eram comuns velhos, inválidos, incuráveis perambularem e mendigarem pelas cidades e, em 1824, José Bonifácio incluiu na sua Representação à Assembléia Nacional Constituinte o artigo número oito, que obrigava todo o senhor que tivesse libertado escravo velho, doente, a mantê-lo, se o liberto não tivesse outro modo de existência. Caso não o fizesse, seria o forro recolhido ao hospital, ou casa de trabalho, à custa do dono<sup>15</sup>. O custo de uma carta de alforria era alto. Os senhores não se desfaziam dos escravos

---

<sup>13</sup> GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Ed. UFPel, 1993. p. 183.

<sup>14</sup> ASSUMPÇÃO, Euzébio Jorge. *Pelotas: escravidão e charqueadas. 1780-1888*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995. p. 150-4.

produtivos. Necessitavam recuperar o dinheiro gasto no momento da compra, resgatar a “inversão inicial”<sup>16</sup>.

Em Pelotas, um moço poderia pagar cinco vezes mais que um idoso por sua carta de alforria. Um velho pagaria por sua liberdade o preço de um cativo jovem, que iria substituí-lo. O valor poderia equivaler a um terreno na cidade. Promessas e cláusulas de liberdades incentivaram o trabalho e a fidelidade. As manumissões onerosas, ao contrário das gratuitas, libertaram um número maior de mulheres, apesar do número reduzido do sexo feminino, em relação ao masculino, na escravaria. Tal fato sugeriu uma maior capitalização por parte das mulheres servis. As cartas de alforria alcançaram mais os “pardos” que os negros, mais os crioulos, nascidos no Brasil, que os africanos<sup>17</sup>.

Negros, servis e livres, trabalhavam, em primeiro lugar, como pedreiros, representando 35%; em segundo, como carpinteiros, com 29,1%; depois como ferreiros, perfazendo 16,5%; e, em quarto lugar, como oleiros, com 8,7%. A seguir, 3,9% eram marceneiros; 2,9%, pintores; e, por fim, 1% era serrador.

Os negros escravos apresentaram maior diversidade profissional que os negros livres. Eram nove especialidades. Nesta ordem, deram preferência às atividades de pedreiro, de marceneiro e de oleiro. Entre os negros livres, nenhum exerceu a profissão de oleiro; foram pedreiros, carpinteiros e ferreiros.

Os obreiros uruguaios que apareceram pela Santa Casa foram nove. Eram três negros, dois pardos e quatro brancos. Portanto, a porcentagem de africanos e seus descendentes, na população oriental, foi significativa. Os dois negros orientais eram ferreiros; um, carpinteiro. Talvez, por serem poucos, e pela quantidade de negros entre os uruguaios, os da banda oriental tenham apontado 33,3% de falecimento entre os hospitalizados.

## **Indícios finais**

Na Tabela 2, com exceção da última coluna, que apresentou números absolutos de trabalhadores hospitalizados, foram registrados os percentuais de obreiros dedicados a cada profissão. Assim, por exemplo, 47% dos portugueses e 27% dos africanos foram carpinteiros. A Tabela 2 proporcionou visualizar o percentual de dedicação de cada *ocupação* em relação às

---

<sup>15</sup> Freitas, Décio. *Escravidão de índios e negros no Brasil*. Porto Alegre: EST/ICP, 1980. p. 124.

<sup>16</sup> GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1988. pp. 165-85.

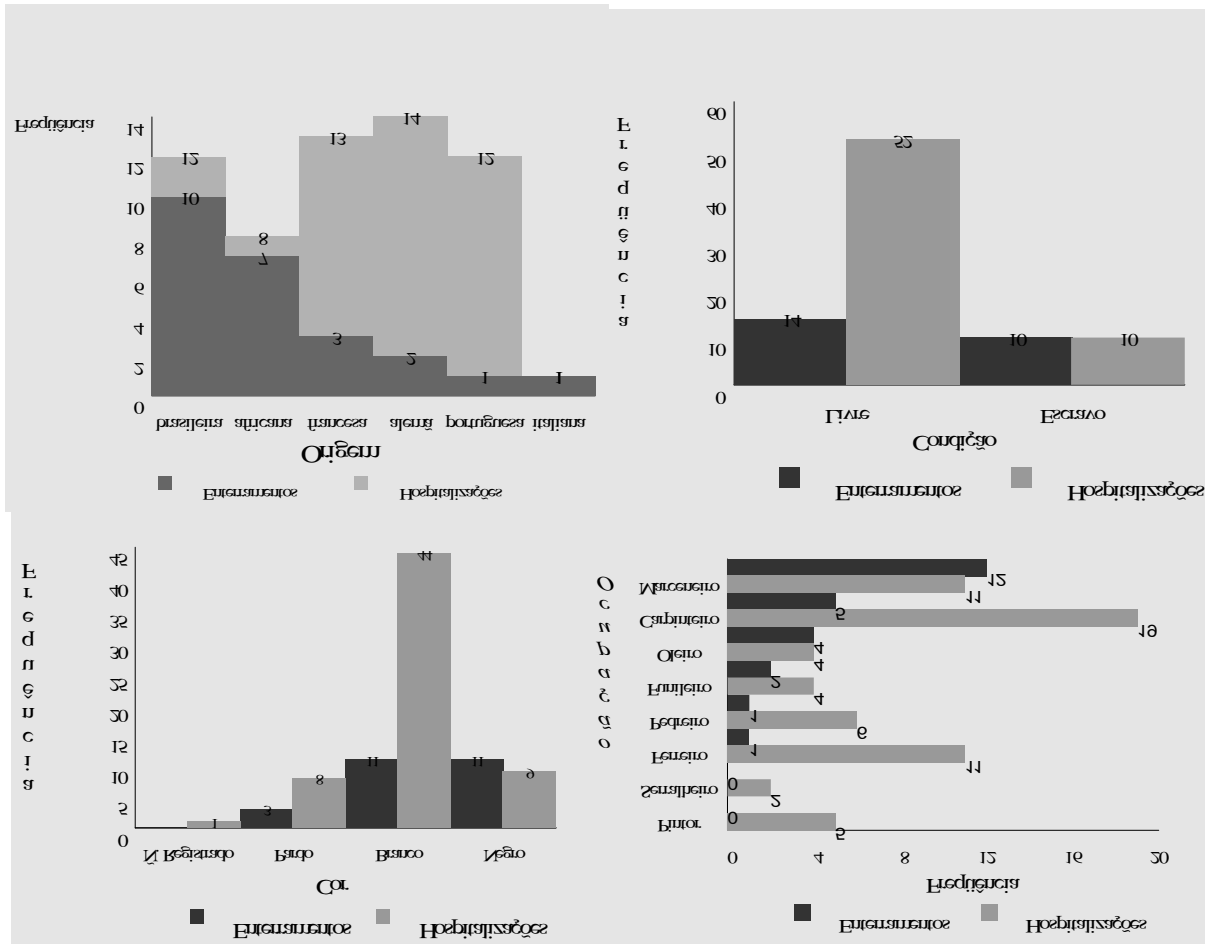
<sup>17</sup> SIMÃO, Ana Regina Falkembach, *Resistência e acomodação*. Aspectos da vida servil na cidade de Pelotas, na primeira metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993. pp. 76-104.

variáveis *origem*, *condição* e *cor*. Esse quadro demonstrou que, com exceção dos italianos, que não amassaram o barro nas olarias, todos os outros trabalhadores exerceram as demais ocupações. Esses cálculos foram considerados sinalizadores das distribuições das distintas tarefas das obras, na cidade charqueadora meridional. Os números deram indícios de que coube, principalmente, aos africanos, escravos e negros, a construção do casco da cidade: moldar tijolos, telhas e levantar as alvenarias. Apesar da dedicação dos portugueses, como carpinteiros, e dos alemães, como marceneiros, especialmente os “pardos” brasileiros disputavam o beneficiamento das madeiras. Faziam as tesouras para suportar os telhados, fechavam os prédios com portas e janelas esculpidas. Os brasileiros também tiveram destaque nas tarefas de pedreiro, assim como os alemães e africanos, nas de ferreiro. Os brasileiros não lideraram nenhuma das *ocupações*. Interessante notar que os nascidos no Brasil estavam em segundo lugar nas carpintarias e nas olarias. Nas olarias, depois dos africanos, os nascidos no Brasil eram os mais aproveitados. Em síntese, apreciando as colunas, pode ser constatado que os portugueses e os brasileiros, os livres e os “pardos” dedicavam-se mais à carpintaria. Os africanos, os escravos e os negros destinavam-se mais aos trabalhos de pedreiro. Os franceses, os livres e os brancos aplicavam-se mais aos serviços de ferreiro. Os italianos, os livres e os brancos consagraram-se mais às pinturas. Os alemães, os livres e os “pardos” empenhavam-se mais nas marcenarias. Os africanos, os escravos e os negros trabalhavam mais nas olarias. (Tabela 2)

Quando foi colocada uma lente de aumento na variável *cor*, em especial no que se refere aos negros e “pardos”, foi verificado que os cativos pardos não padeceram no hospital. Depois, em ordem crescente de falecimentos, estavam os brancos, os livres, os brasileiros cativos e livres, os escravos, os escravos africanos, os negros escravos, os negros, os africanos, os pardos livres, os negros livres e os africanos libertos. Não era fácil a sobrevivência; pior para escravos, negros, africanos e oleiros. Quase impossível para os que conseguiam a alforria. Para estes, liberdade e morte caminhavam muito perto uma da outra. (Figura 3)



**Figura 1 - Trabalhadores da Construção. Comparação entre Enterramentos e Internamentos na Santa Casa. Origem, Condição, Cor e Ocupação. Pelotas, RS. 1856-1859**



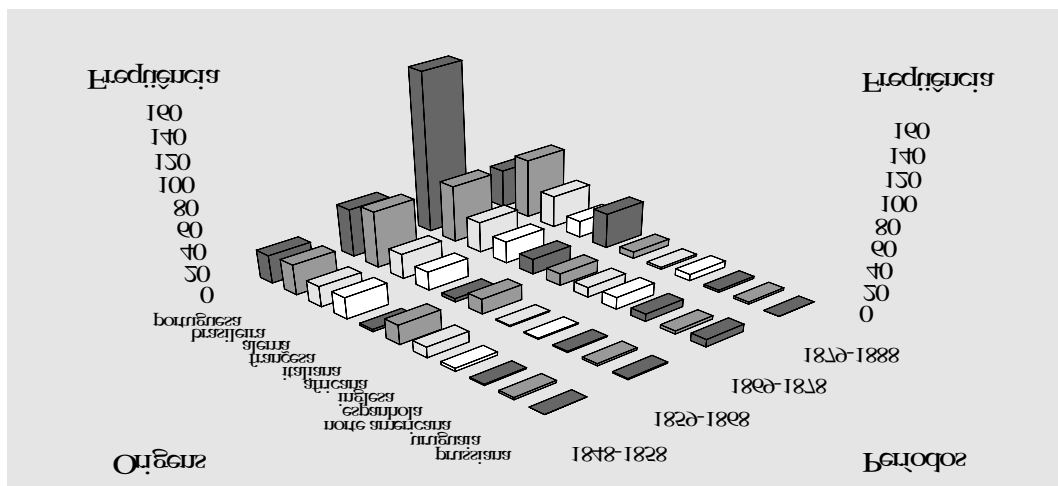
Fontes: SCMP. ms. Livro de Enterramentos no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 1855-1868 e Livro do Movimento dos Internos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 1848-1862.

**Tabela 1 - Trabalhadores da Construção. Comparação Entre Enterramentos e Internamentos na Santa Casa: Condição, Cor, Estado Civil, Origem e Ocupação. Pelotas, RS. 1856-1859**

	Enterramentos 24/04/1856 30/06/1859		Internamentos 12/08/1856 27/06/1859	
	Frequência	%	Frequência	%
<b>CONDIÇÃO</b>				
Escravo	11	44,0	10	16,0
Livre	14	56,0	52	84,0
<b>COR</b>				
Negro	11	44,0	9	14,5
Branco	11	44,0	44	71,0
<i>Pardo</i>	3	12,0	8	12,9
Não registrado			1	1,6
<b>ESTADO CIVIL</b>				
Solteiro	18	72,0	47	75,8
Casado	7	28,2	10	16,1
Viúvo	0	0	5	8,1
<b>ORIGEM</b>				
Portuguesa	1	4,2	12	19,4
Brasileira	10	41,6	12	19,4
Alemã	2	8,3	14	22,6
Francesa	3	12,5	13	21,0
Italiana	1	4,2	1	1,6
Africana	7	29,2	8	12,9
Inglesa	0	0	1	1,6
Russa	0	0	1	1,6
<b>OCUPAÇÃO</b>				
Marceneiro	12	48,0	11	17,7
Carpinteiro	5	20,0	19	30,6
Oleiro	4	16,0	4	6,5
Funileiro	2	8,0	4	6,5
Pedreiro	1	0,40	6	9,7
Ferreiro	1	0,40	11	17,7
Serralheiro	0	0	2	3,2
Pintor	0	0	5	8,1
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100,0</b>	<b>62</b>	<b>100,0</b>

Fontes: SCMP. ms. Livro de Enterramentos no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 1855-1868 e Livro do Movimento dos Internos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 1848-1862.

**Figura 2 - Trabalhadores da Construção. Internamentos da Santa Casa. Origem. Pelotas, RS. 1848-1888**



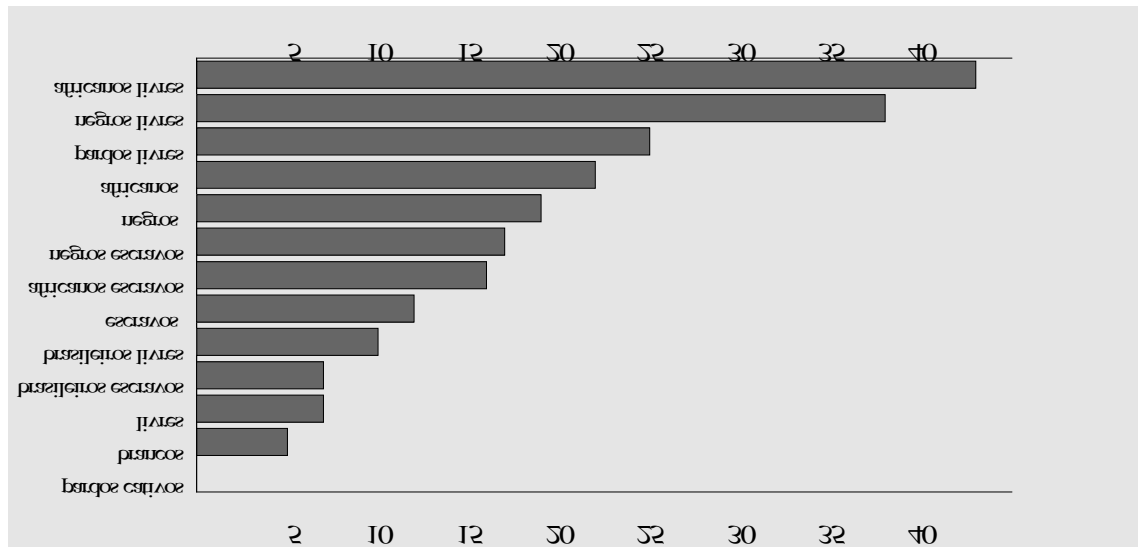
Fonte: SCMP, ms. Livros de Movimentos dos Internos 1848- 1862; 1862-1874; 1874-1883 1883-1890.

**Tabela 2 - Trabalhadores da construção civil. Internamentos da Santa Casa. Ocupação: Origem, Condição e Cor. Pelotas, RS. 1848-1888**

OCUPAÇÃO	% Carpinteiros	% Pedreiros	% Ferreiros	% Pintores	% Marceneiros	% Oleiros	Nº Total
<b>ORIGEM</b>							
Portugueses	<b>47</b>	21	15	2	8	3	247
Brasileiros	41	24	9	5	11	5	185
Alemães	18	5	27	22	<b>15</b>	2	100
Franceses	18	14	<b>39</b>	11	7	3	73
Italianos	6	25	12	<b>25</b>	4	0	52
Africanos	27	<b>35</b>	16	4	2	<b>12</b>	46
<b>CONDIÇÃO</b>							
Escravo	29	<b>34</b>	7	3	7	<b>13</b>	68
Livre e liberto	<b>34</b>	18	<b>18</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	3	743
<b>COR</b>							
Branco	32	16	<b>19</b>	<b>12</b>	9	3	618
Pardo	<b>46</b>	21	5	4	<b>11</b>	5	81
Negro	29	<b>35</b>	17	3	4	<b>9</b>	104

Fontes: SCMP. mse Livro do Movimento dos Internos 1862-1874; 1874-1883 1883-1890.

**Figura 3 - Trabalhadores da construção civil. Internamentos da Santa Casa. Porcentagem de óbitos. Pelotas, RS. 1848-1888**



Fonte: SCMP. *Livros de movimentos dos internos*. 1848- 1862; 1862-1874; 1874-1883 e 1883-1890.

